

Psicanálise e modernismo: enlaces

*Marcella Figueiredo de Almeida E Silva**

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo demonstrar as precoces relações existentes entre Freud, a Psicanálise e a revolução estético-ideológica proposta pelo Modernismo. Este estudo nasceu da constatação de que a Psicanálise penetrou profundamente em nossa cultura por meio dos artistas modernistas. Assim, a pesquisa visa verificar a chegada da Psicanálise no Brasil, as possíveis relações e influências das idéias de Freud sobre o Modernismo e o envolvimento dos primeiros psicanalistas com o Movimento Modernista.

Introdução

O século XX desponta com marcos importantes que se farão refletir ao longo de toda a sua extensão e que irão configurar o cerne de sua principal característica: a descentralização, a incerteza, a desagregação.

A velocidade é sua essência, imprimindo-lhe uma qualidade nunca antes vista. O que sub-repticiamente teve seu início na segunda metade do século passado, em apenas cinquenta anos irrompe com toda a sua força, numa mudança tão rápida e radical que, qual um raio, muda os rumos da história, implantando um novo conceito de homem.

Essa revolução já vinha sendo preparada desde a segunda metade do século XIX, momento em que os artistas, ao lado das grandes modificações da ciência, começavam a enfatizar a complexa existência interior de um mundo imaterial dirigido por frágeis sensações e percepções. As novas concepções de moderno se espalhavam por toda a Europa, como um grande movimento internacional, que se estendia de Moscou de Dostoievsky à Paris de Baudelaire e o Simbolismo, da Escandinávia de Ibsen e Munch à Itália de D'Annunzio e Pirandello.

Freud publica, em 1900, *Die Traumdeutung, A Interpretação dos Sonhos*, inaugurando a nova disciplina, a Psicanálise. Freud atendeu pacientes histéricos, utilizando

* sobre a autora

especialmente a técnica de hipnose de Charcot. E, ao fazer a abordagem teórica do que observou e das dificuldades e soluções que encontrava, utilizou-se dos conhecimentos científicos da época, da “Weltanschauung” científica vigente. Homem atento aos acontecimentos contemporâneos e aos desenvolvimentos de outras disciplinas utilizou noções, entre outras, de teorias da física como as leis da termodinâmica de Newton e noções sobre o Inconsciente que se articulavam na época, especialmente a de Theodor Lipps, renomado professor que escrevia sobre psicologia e estética.

Dotado de uma inteligência privilegiada e grande ousadia e coragem, fez, pela primeira vez, uma descrição científica da mente humana. Começa a desvendar os mistérios da alma, a nortear funcionamentos mentais, estabelecer conexões entre mecanismos emocionais, a estudar fenômenos mentais simples da vida cotidiana, até então relegados a segundo plano pela ciência, chegando à descrição do que chamou Aparelho Mental (Seelischer Apparat ou Psychischer).

A partir daí surge um novo ser. A razão, sempre tão cara ao homem, é descentralizada da consciência. Ela agora tem sua base no Inconsciente, amplo, infinito, basicamente incognoscível, depositário dos impulsos sexuais e agressivos, de Eros e Thanatos. E se revela na linguagem dos poetas e artistas, dos sonhos, dos atos falhos, da associação livre. O que vem a ser o eu, se a sua maior parte lhe é e sempre lhe será desconhecida? O novo homem não é mais senhor de si na sua totalidade e tem posse apenas daquilo que sua consciência apreende.

E como se não bastasse essa descoberta, que retira do homem todo o seu poder e força consciente, ainda outro golpe: o ser não é uma unidade coesa, mas um concentrado de imagens, materna-paterna, de primeiras experiências sensoriais, de sensações de prazer-desprazer, de impulsos internos de amor-ódio, de repressões culturais. O ser é um grupo e não uma unidade. É um processo, não uma entidade estável. Por outro lado, os impulsos sexuais e agressivos co-habitam desde o início. Cai por terra a pureza da infância, a bondade do homem, a unidade do ser e seu domínio sobre a Razão; a religião é questionada. Agora valoriza-se o sonho como via de acesso ao Inconsciente; agora fala-se do individualismo, da inveja e competição, da perversão, da destrutividade.

No mundo da arte, o clima de euforia decorrente do rompimento com compromissos estéticos adotados ao longo dos séculos anteriores é notável. O século XX

desponta como o clímax da capacidade criativa humana. Agora em 1900, a teoria estética abandonara seus critérios objetivos para recorrer à subjetividade. Assim, na poesia, música e artes plásticas, a experiência pessoal do criador deveria ser o centro principal de interesse.

Freud deu uma contribuição particular à estética da expressão quando interpretou a obra de arte como uma manifestação do inconsciente, equivalente a um sonho diurno, especialmente na sua análise de “Uma recordação de Leonardo da Vinci”, de 1910. Para ele, a habilidade técnica é a capacidade de concretizar formas do desejo. Na época, causou especial impacto entre os artistas a idéia de que o sonho era conseqüência de conflitos mentais resultantes de interdições sociais que se opunham à satisfação dos impulsos. Portanto, não é de se admirar que a obra de Freud tenha suscitado o maior interesse no meio de artistas e críticos que tomavam a arte como expressão de uma consciência subjetiva que apresentava muita afinidade com os produtos dos sonhos. A busca de uma certa proximidade entre loucura e a genialidade era, então, um dos assuntos favoritos. Além disso, a psicanálise formalizava, dentro de um corpo teórico coerente, os principais temas da época.

O interesse pela história da Psicanálise no Brasil surgiu da necessidade de compreender, no campo da história cultural, como e porquê esse saber se implantou e se difundiu e, igualmente, de conhecer as razões do sucesso das principais correntes teóricas e clínicas em território brasileiro.

Para elaborar essa história, eu parto do princípio de que as condições de implantação da psicanálise são indissociáveis da forma como essas idéias puderam encontrar pontos de sustentação no meio médico, social e cultural brasileiro.

Esta idéia surgiu através da minha participação no Treino de Pesquisa orientado pela professora Denise Maurano no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Neste trabalho busquei puxar algumas linhas do novo discurso psicanalítico no momento de sua chegada no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, a fim de identificar a distinção dos lugares a partir dos quais suas enunciações foram feitas e a história oficial da psicanálise, construída.

Parti então para a investigação da história do Brasil abordando movimentos que antecederam o Modernismo. A construção da memória nacional, no século XIX, por meio

da elaboração da figura do índio como herói e mito de origem, a valorização do exotismo da natureza. Tal imagem, criada pelos pensadores da cultura, em especial pelo homem de letras, tinha como propósito forjar a pátria através da construção de uma narrativa que privilegiava a unidade nacional e sua potência. Com este objetivo, buscou-se silenciar os movimentos de fragmentação e de resistência à unidade territorial, bem como afastar o perigo que os índios (tal como eles se apresentavam e não seu modelo idealizado) e os escravos africanos e seus descendentes representavam para a construção de uma nação nos moldes europeus.

Todavia, para que um discurso se constitua como discurso de filiação é necessário que ele seja compartilhado pela cultura na qual busca se inserir. No Brasil, o discurso da identidade nacional precisava superar alguns obstáculos para que pudesse ganhar representatividade e se estabelecer de fato: a presença maciça dos africanos e de sua cultura, a concepção de uma natureza do excesso sexual referida aos índios e aos negros, a concomitante oposição entre trabalho e sexualidade, bem como a mistura dos corpos que resultaram na miscigenação eram fortes demais para serem caladas, marcando um impasse em relação ao projeto nacional tal como ele fora desenhado a partir de um ideal que, ao final do século XIX, apontava para a eugenia, a ordem e a civilização européia como referências exclusivas. Para superar tal estorvo, era necessário mais que silenciar as resistências políticas, civis e militares à unidade nacional e dizimar as tribos indígenas e os quilombos. Sem este *a-mais*, o projeto de constituição da identidade nacional não teria forças para deixar o papel, porque a parte do povo excluída do projeto resistia, inviabilizando a efetivação da crença na unidade nacional.

A busca em dar credibilidade ao projeto identitário conjunta à entrada dos discursos modernizantes. O impasse enfrentado por esse projeto civilizatório e o empuxo modernizador geraram a busca de novas formas de domesticação daquilo que não se deixava docilizar; de fato, no início do século XX, vislumbramos o fortalecimento do discurso higienista, colorido de tons favoráveis ao embranquecimento da raça e à homogeneização das massas.

Para os higienistas e outros grupos afins, a busca de definição do Brasil continuava a ser marcada pela exigência, advinda do século XIX, da modificação do padrão racial e da aculturação do brasileiro ao modelo de cultura ocidental. O diálogo construído através de

Monteiro Lobato com o *Jeca-Tatu* (1959) assinala a compreensão das elites do Brasil a respeito do que é a nação e de seus anseios reformistas que, incessantemente, buscaram salvar o Brasil, isto é, refazer o homem e a nação brasileira pela ação histórica da purgação dos vestígios dos *jecas-tatus*.

Como contraponto, em meio à busca ideológica de constituir o brasileiro, surgiu, no início do século XX, uma consciência estética crítica que romperia com a memória nacional tornada oficial e buscaria a reformulação da história, de modo a incluir o que vinha sendo excluído desde o século XIX; tal movimento abriria fendas nos ideais, tornando possível ao pensamento sobre a cultura dialetizar com o Outro europeu através de uma comilança que se esperava capaz de poder produzir a absorção do “Outro não por *estoque*”¹, em uma só via, mas numa digestão feita a partir de seus próprios significados, estabelecendo identidades e diferenças.

O divisor de águas implantado no fim do século XIX acabou por estabelecer visões completamente distintas sobre o que era nacionalidade, nação e, mesmo, o que significava ser um intelectual. De um lado, aqueles que defenderiam a causa patriótica, sonhando salvaguardar as massas incultas, a pátria, libertando-a dos entraves que estivessem no caminho da modernização e do capitalismo nascente. Do outro, os que faziam resistência ao processo acrítico de modernização a qualquer custo. Para estes últimos, a sociedade que desejavam forjar só poderia ser criada a partir de uma revolução interna que pusesse em questão os valores tanto culturais quanto individuais.

Apesar das divergências que se tornavam cada vez mais agudas, todos estavam de acordo com o fato de que se revelavam falidos os moldes de um pensamento colonialista, que não mais correspondiam à realidade em ebulição. A base onde haviam sido apoiadas as certezas sobre quem era o brasileiro ou sobre como ele deveria advir estava irremediavelmente abalada.

É nesse caldo efervescente que a Psicanálise surge como nova possibilidade de instrumento diagnóstico e terapêutico. O percurso histórico nos faz testemunhas de que o discurso da Psicanálise no Brasil não aponta para uma unidade coesa, origem única ou objetivos idênticos. Em vez disso, encontramos oscilações, divisões discursivas, que apontam para a história singular das filiações estabelecidas concomitantemente à difusão

¹ LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.27.

desse saber e às resistências a ele. Mais ainda: o acompanhamento da inserção da Psicanálise pelas vias do modernismo e do higienismo torna claro o embate entre os dois discursos pela hegemonia de suas verdades e, paulatinamente, pela definição dos rumos que desembocariam nas instituições psicanalíticas no país tal como as conhecemos hoje.

A abertura para o discurso psicanalítico no pensamento sobre o Brasil é concomitante ao rompimento com os valores tradicionais europeus e ao surgimento de um universo aberto e mutável que traria novos valores para a sociedade e procuraria responder uma pergunta que não cessava, “*Quem sou eu?*”. Há, de fato, uma identidade profunda entre a rápida modernização e urbanização da sociedade brasileira no início do século XX e a entrada da psicanálise no país.

Tal hipótese não é desconhecida: analisando a entrada da psicanálise, Durval Marcondes, organizador da primeira Sociedade de Psicanálise da América do Sul, afirmou que as mudanças ocorridas no final da Primeira Guerra Mundial constituíram um fator importante para uma nova compreensão do papel das pessoas na vida social. Para ele, a participação social da mulher, a liberdade moral do teatro e a arte modernista propiciaram um clima favorável à difusão da psicanálise no Brasil. Do mesmo modo, o Modernismo é também tributário de tal mudança. É Oswald quem afirma: “O Modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira”². Pode-se, inclusive, estender a observação de Marcondes e afirmar que pelo menos quatro áreas da vida cotidiana foram significativamente abaladas pelo processo de modernização e urbanização das principais cidades do país – a higiene, a sexualidade, o casamento/a família e a educação.

Assim, a Psicanálise introduz-se como uma possibilidade de resposta a uma sociedade que buscava modernizar-se e ganhar o domínio de si mesma, mas que, nessa busca, perdeu suas referências. Freud atraiu o interesse nesse campo discursivo de dois modos opostos: como instrumento para a crítica à civilização - realizada nos moldes europeus - e para a valorização de culturas periféricas, como a brasileira; ao mesmo tempo, serviu como justificativa para a manutenção, pelo modelo conservador, de controles sociais há muito estabelecidos, ainda que sob nova roupagem.

A proposição de análise da entrada do discurso psicanalítico no Brasil recai sobre sua representação sócio-cultural que este discurso ganhou aqui, uma vez que foi a partir de

tal configuração que os conceitos psicanalíticos seriam posteriormente chamados a interpretar a sociedade e suas formas de subjetivação. Da mesma forma que a entrada do discurso psicanalítico depende de seu reconhecimento como um discurso que pode responder de forma nova às questões que circundam os processos sociais, sua permanência e plausibilidade no campo de uma cultura dependem também de processos sociais de confirmação de sua validade.

“Com Freud (...) é preciso considerar além do sistema teórico a existência de uma forma de prática, ou de práticas, por onde se transmite e se reproduz socialmente o discurso psicanalítico, que tem efeitos incisivos sobre a subjetividade dos agentes sociais, transformando a natureza de sua presença no campo da representação. (...) Assim, como contraponto desta presença de Freud e o impacto da psicanálise na subjetividade de cada um, existiria também uma representação social do que seja o discurso psicanalítico, que define mesmo a demanda social para seu consumo no plano clínico”³

O que se revelou essencial para a validação das respostas advindas do campo da psicanálise na sociedade urbana brasileira do início do século XX foi o fato de seus membros passarem a experimentar uma dicotomia radical. Por um lado, manteve-se o discurso homogeneizador e globalizante, identificado aos processos de produção industrial, à marcação do tempo de trabalho, à interferência do Estado no controle das doenças, à ideologia de ordem e progresso, ao pensamento positivista, racionalista e eugênico. Por outro, o surgimento de um discurso encorpante, produtor de singularidade e densidade subjetiva, relacionado à perda das certezas a respeito dos valores, da verdade e do si mesmo, e que acabaria por dar origem a um sujeito com uma crise de identidade crônica, resultante da conseqüente escassez de referências externas capazes de servirem de modelo. Os afetos e emoções, libertos dos ritos, das crenças e das instituições religiosas e convertidos em doutrinas filosóficas e instituições leigas, traziam agora sua faceta do *Unheimliche*, ou seja, do estranho.

Como conseqüência da introdução da psicanálise, a intelectualidade brasileira passou a operar a partir de novos enunciados na busca de compreensão e, principalmente, de soluções para o país. Embora utilizassem muitas vezes vocábulos idênticos advindos da leitura dos textos de Freud, produziram as mais variadas significações, em consonância

² ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas, vol.2*. Coleção Vera Cruz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p.95.

³ BIRMAN, J. *Freud e a Experiência Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1989, p.25.

com o discurso que visavam legitimar. Como um bom exemplo deste fato, Sérvulo Figueira observa:

*“Em 1927, o Dr. Porto Carrero escreve ‘O caráter do escolar segundo a psicanálise’ (tese apresentada na 1ª Conferência Nacional de Educação, em Curitiba) e, em 1928, ‘Bases da educação moral do Brasileiro’, enquanto neste mesmo ano, Oswald de Andrade, no ‘Manifesto Antropofágico’, faz a psicanálise dizer coisas bastante diferentes, com base em ilações principalmente a partir do Totem e Tabu de Freud”.*⁴

Assim, ainda que consideremos a variação de sentido, ganha espaço no campo dos estudos sobre a realidade social e sobre a subjetividade a idéia de que somente alguns segmentos psíquicos estão presentes na consciência, já que a atividade egóica opera em termos de recalque e de projeção; tal fato está relacionado ao desconhecimento pelo sujeito das motivações de suas ações e à sua incapacidade de interpretar suas próprias simbolizações.

Desta forma, o que é desconhecido pelo sujeito passa a ser experimentado como referente ao inconsciente (ou *subconsciente*, como era, equivocadamente, também nomeado), matriz de processos mentais decisivos. A pulsão (correlativo no humano ao instinto nos animais) é também agora valorizada na constituição da subjetividade por estar intimamente vinculada a conteúdos inconscientes: a criatividade, o primitivo, a sexualidade e a infância.

Finalmente, e isso é algo que não deve ser desconsiderado, a cultura passaria a ser assimilada em termos de um embate irreversível entre a civilização, relacionada intimamente às regras, à razão e, portanto à consciência e ao sujeito, no qual a sexualidade, o primitivo e o caos resistem e então se estabelecem como relativos ao inconsciente e à irracionalidade.

Desse modo, com o objetivo de estudar as relações existentes entre a Psicanálise e o Modernismo, este trabalho focalizará, inicialmente, o surgimento do espaço moderno brasileiro; depois, será discutida a chegada da Psicanálise no Brasil para então estabelecer a relação entre a revolução estético-ideológica proposta pelo Modernismo e a Psicanálise.

⁴ FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. “Contextual da Psicoterapia de Albert Scheflen”. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto, Org. *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1980, p.162.

As etapas do trabalho iniciam-se com a descrição do momento histórico do Modernismo, seus antecedentes, suas principais características e seus principais representantes; cuja explosão vai ocorrer no início da segunda década, com a Semana de Arte Moderna de 22.

Em seguida, foram mapeados algumas das vias de entrada das idéias da psicanálise no Brasil e os primeiros tempos dessa história. O levantamento vai de seus antecedentes e precursores, aos primeiros analistas formados, passando por Franco da Rocha, Durval Marcondes e Adelheid Koch.

Posteriormente, a pesquisa verificou como se deram os elos que unem o Modernismo e a Psicanálise, evidenciando a precoce influência freudiana na cultura brasileira, que se deu antes mesmo do Manifesto Surrealista de Breton (1924), no qual a psicanálise se manifestou fortemente na Europa.

1. O surgimento de espaço moderno brasileiro

Em meio à urbanização da estrutura social do país e à modernização tecnológica informada pela razão científica como princípio de verdade, uma parte dos intelectuais das décadas de 1920 e 1930, entre eles Mário e Oswald de Andrade, apropriou-se dos conceitos de primitivo, inconsciente, divisão subjetiva e pulsão⁵ como lugares centrais de regulação do sentido. Na proposta modernista, os conceitos psicanalíticos foram apreendidos como instrumento para a revolução subjetiva e social, desempenhando papel bastante distinto daquele relacionado ao discurso construído pelos higienistas. Em vez de reformar, embranquecer, formatar e sujeitar-se à ordem, desejava-se a possibilidade de criar algo novo a partir do diálogo com as singularidades culturais colocadas no campo da alteridade.

Neste caso, a pergunta *quem somos nós* transforma-se em um *não sou nada, mas posso vir a ser*, em uma visada que se apropria da psicanálise pelo discurso da cultura, percebida como um campo dominado pelas intensidades e irredutível à generalização. Esse tipo de encaminhamento, vale dizer, abre portas para múltiplas identificações por meio da

⁵ Tais conceitos são fundamentais ao campo psicanalítico. O inconsciente, que está no centro da teoria psicanalítica, foi classificado por Freud como uma instância psíquica independente e com leis próprias de funcionamento, cujo conteúdo é desconhecido da consciência. O conceito de pulsão, considerado por Freud fundamental para psicanálise, representa a energia do sujeito, a força necessária a seu funcionamento e exercida em sua maior profundidade.

busca de um novo que se quer singular e não se limita às severas restrições impostas pelo universalismo e pela generalidade.

A passagem do exame histórico para além dos limites cronológico-lineares é um dos traços da cultura da modernidade. A idéia de descontinuidade impõe a consideração da coexistência de personagens e objetivos semelhantes situados em tempos distintos. Do mesmo modo, personagens contemporâneos, habitantes de uma mesma paisagem, podem vincular-se a objetivos bastante diversos. Diante de nós, a dificuldade de transpor linearmente – uma característica da escrita acadêmica – tanto os movimentos artísticos que, por suas características e elementos podem ser considerados modernistas, ainda que anteriores à *Semana de Arte Moderna de 1922* – movimento marco do Modernismo sobre o qual nos deteremos mais à frente –, quanto outros acontecimentos ocorridos na cultura brasileira da década de 1920, que indicam o transbordamento do modernismo para outros campos que não apenas os literários e artísticos.

O Modernismo foi um movimento crítico da modernidade que transpôs o universo ficcional e lírico da literatura, ecoando em áreas que, a partir da década de 1930 e, especialmente, nos anos 40, seriam compartimentadas, levando à especialização das profissões e à conseqüente delimitação de suas áreas. Vejamos como Mário de Andrade, julgando não a *Semana*, mas o movimento em seu processo e amplitude indica tal fato:

*“Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional”.*⁶

Na criação da literatura modernista, mesclam-se elementos passadistas e de vanguarda, ou seja, o Modernismo constituiu-se no sentido tanto horizontal quanto vertical em um amplo movimento de renovação que não excluiu os dados locais nem os elementos de permanência de outras estéticas, cuja atuação ultrapassaria as atividades ocorridas na década de 1920.

Na literatura, o Modernismo não surgiu apenas do contato com as vanguardas européias, mas seguiu rastros de um movimento crítico que atravessam, por exemplo, Machado de Assis, Lima Barreto e mesmo Graça Aranha. Em Machado de Assis já é

⁶ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1980, p.23.

possível ver delinear-se características retomadas pelo Modernismo através da leitura da obra freudiana. Apesar de não ter sido leitor de Freud, Machado de Assis buscava a interioridade e os mistérios da alma, apontando para fenômenos semelhantes aos lapsos, ao chiste, à condensação e ao deslocamento⁷. Além da visão dotada de interioridade para seus personagens, Machado trouxe a marca de uma nova forma de pensar a nacionalidade (1873), que seria retomada pelos modernistas. *Dom Casmurro* escrito em 1900, mesmo ano de *A Interpretação dos Sonhos*, é um bom exemplo disso. Deste modo, é necessário alargar a noção de Modernismo e buscar seus elementos que se configuram desde o fim do século XIX. Partindo deste princípio, podemos vislumbrar o delineamento das propostas modernistas em um grupo do Rio de Janeiro, formado por alguns artistas boêmios como Bastos Tigre, Kalixto, Sinhô, Patrocínio Filho e Lima Barreto.

Em cada um desses autores aponta-se uma nítida modificação na postura do intelectual. Este já não se identifica com o erudito, portador de um saber consagrado, estabelecido sobre teorias e modelos importados. Há certa abertura para o social e a história como fontes do saber e da ação. O escritor torna-se mais suscetível à cultura local e começa a questionar não só o papel do darwinismo social, como também a importação acrítica das culturas alheias.

É neste caldo cultural que acaba por brotar o grupo que posteriormente seria reverenciado o Modernismo, em sua primeira fase. O conjunto opositor de idéias e a busca do encontro com o excluído, que vinham se firmando desde o final do século XIX, ganharam, no início do século XX, um colorido relacionado ao novo. Todavia, a nítida

⁷ Estes fenômenos são caros a Freud em sua proposta de investigar os mecanismos inconscientes. Os lapsos são falhas cometidas por inadvertência ao se falar ou se escrever, que consiste em substituir por uma outra a palavra que se queria dizer ou escrever. A psicanálise considera o lapso como um tipo de ato falho, que consiste na interferência do inconsciente na expressão falada ou escrita. No que diz respeito aos mecanismos de condensação e deslocamento, Freud denominou de “processo primário” um modo de funcionamento do aparelho psíquico caracterizado, no plano econômico, pelo livre escoamento da energia e pelo livre deslizamento do sentido. O lugar desse processo é, por excelência, o inconsciente, e seus mecanismos específicos são o deslocamento e a condensação, como modos de passagem de uma representação a outra. A condensação é um mecanismo pelo qual uma representação inconsciente concentra os elementos de uma série de outras representações. Já o deslocamento é uma operação por meio da qual uma quantidade de afetos se desprende da representação inconsciente, a qual está ligada, indo ligar-se a uma outra, cujos vínculos com a anterior são vínculos associativos pouco intensos ou, mesmo, contingentes. Esta última representação recebe, então, uma intensidade de interesse psíquico desproporcional em relação àquela que normalmente deveria comportar, enquanto que a primeira, desinvestida, fica como que recalçada (afastada da consciência). De uma maneira geral, os mecanismos de deslocamento e condensação são observados em todas as formações do inconsciente (sonhos, lapsos e sintomas).

oposição entre as novas idéias e o passadismo ainda tardaria um pouco. Embora seja possível encontrar críticas ao movimento futurista e ao uso de seus termos desde 1914, assim como as respectivas polêmicas em torno de sua apropriação entre os tradicionalistas e leitores médios dos jornais da época, é apenas, em 1917, com a severa crítica de Monteiro Lobato à exposição de Anita Malfatti que o antagonismo entre os estilos começa, de fato, a chamar a atenção.

Encabeçados por Oswald de Andrade, os adeptos e apreciadores da arte de Malfatti revidaram, conquistando o interesse público. Esse revide ganharia o reforço do prêmio internacional de escultura em Paris, conquistado por Victor Brecheret, em 1921. O fato de ter vencido quatro mil concorrentes fez com que ele tivesse grande publicidade local e internacional e ajudou na fermentação para a *Semana de Arte Moderna de 1922*, citada anteriormente.

Tal como os “modernistas cariocas” e outros que os antecederam, os modernistas de 1920 não buscavam postulados ou uma escola em comum; o que os unificava era o desejo de uma expressão livre e as oportunidades para manifestar, sem as enunciações academicistas, “aquilo que o inconsciente grita[va]”⁸. Portanto, a recusa ao academicismo, ao gabinetismo, à erudição vazia, constituiu a marca dessa primeira geração, cujo interesse era explodir as convenções e destruir os temas poéticos e as formas tradicionais do dizer; as discussões e contradições davam forma aos gestos estéticos e afirmavam a vontade rebelde como movimento de negação da ordem estabelecida.

*“O Modernismo, no Brasil, foi uma ruptura, foi um abandono de princípios e de técnicas conseqüentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência nacional. É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra, eminentemente destruidor (...)”*⁹.

A anarquia dos anos 20 desnudava o país, desmascarava a idealização da literatura representante das oligarquias e das estruturas tradicionais. Ela instaurou uma visão e uma linguagem muito diferentes do “ufanismo”¹⁰ (por exemplo, na poesia *Pau-Brasil*, em *João Miramar*, na *Paulicéia Desvairada* e em *Macunaíma*), ainda que abarcasse o que seus integrantes denominavam de alegria; de fato, o chiste era utilizado como arma nesse

⁸ ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Martins, 1980.

⁹ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1980, p.235.

primeiro momento modernista; a boca aberta, escancarada, emancipando o homem de toda a lógica da razão. Neste compasso, passariam a ser explorados o inconsciente, a narração dos sonhos, os “causos”, o folclore local, o humor e também, com Marx, a atividade revolucionária e o protesto contra as instituições alienantes. Eduardo Jardim de Moraes¹¹ mostra que as categorias de intuição e integração se encontram na base dos projetos brasilianistas do Modernismo, o que os difere de modo importante do pensamento nacionalista da ordem e da razão.

De fato, a escrita modernista da primeira fase tem um traço revolucionário. Se mesmo hoje podemos admirar e enxergar uma certa novidade hieroglífica, fotográfica e antropofágica da nova escrita, o estranhamento produzido na época de seu surgimento mostrou-se ainda mais radical. A literatura que os modernistas de então propunham como programa não era passível de classificação; era sequer reconhecida como arte. Em outras palavras, era um enigma em busca de sentido: uma escrita ávida de leitores abertos à novidade, cujas moções pulsantes exigiam ser lidas a partir de um lugar diferente, isto é, exigiam a reinvenção também do leitor. Exemplificam essas propostas *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade (1980) e o estilo-fragmento de Oswald de Andrade.

A uma concepção anterior de mundo unívoca superpôs-se a plurivocidade: mundo e linguagem em transformação incessante. Na ruptura com a estabilidade do mundo natural dado de antemão, os modernistas rejeitaram os ideais de raça e de fixidez das características. Eles recusaram ao mesmo tempo a literatura romântica referida à tristeza, o darwinismo, o positivismo, o evolucionismo e a psicologia da alma dos povos e das multidões, contra os quais brandiu a bandeira de um novo homem marcado por desejos e intensidades.

Nesse contexto, a guerra declarada contra a fraseologia gramatical pode ser compreendida como estratégia para a realização de uma nova estética expressa pelas idéias de impulso, pontualidade e simultaneidade.

A destruição das antigas barreiras da linguagem e do *bom-tom* aliada à intensidade ampliadora e libertadora do folclore e da literatura popular romperiam o bloqueio imposto

¹⁰ Atitude, posição ou sentimento dos que, influenciados pelo potencial das riquezas brasileiras, pelas belezas naturais do país, etc., dele se vangloriam desmedidamente.

¹¹ MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

pela ideologia oficial e promoveriam o fluir de forças até então recalçadas. A experimentação de novas linguagens, com suas exigências de novos léxicos, novos torneios sintáticos, imagens surpreendentes e temas diferentes, permitiria – ou mesmo impor – uma aproximação com o material da terra.

De fato, como Lafetá propõe em *A Crítica e o Modernismo*¹², a busca de uma nova linguagem que deságua na pesquisa do que o brasileiro fala e pensa já contém em si própria seu projeto revolucionário. A escolha de um modo distinto de dizer implica novos modos de ver um objeto; se é a linguagem que permite dizer sobre o mundo e sobre a visão que se tem dele, investir num novo modo de falar significa também investir num novo modo de ser.

Vista sob este ângulo, a primeira fase do Modernismo foi rica em experimentos no campo poético e ficcional. São aventuras que se aproximam das rupturas européias levadas a cabo por Mallarmé, Rimbaud e Laforgue, todos esses responsáveis por uma nova estruturação dos modos de conceber o texto literário. Além disso, a revivescência dos mitos indígenas, africanos e sertanejos, bem como da arte primitiva numa roupagem transfigurada pelas novas moções lingüísticas, está no cerne de muitas dessas obras, impedindo dissociá-las de suas raízes. Como diz a máxima: *Só é nacional o que é popular*. Dito de outro modo, a própria estrutura dessa linguagem experimental – suas exigências de léxico, de sintaxe, de temas e imagens originais – criou as condições não só para a ruptura com a literatura culturalmente colonizada, como também para a busca de uma nova concepção sobre a identidade nacional.

Para melhor explicitarmos a importância do movimento modernista no Brasil e sua relação com a Psicanálise, enfatizaremos, a seguir, o papel que veio a ter a já citada Semana de Arte Moderna de 1922.

1.1 A Semana de Arte Moderna

Vários acontecimentos, sobretudo sócio-culturais, contribuíram para o surgimento do Modernismo brasileiro. Em 1909, Picasso agitara o grupo cubista e Marinetti publicava o Manifesto Futurista. Em seguida vieram o Expressionismo alemão e o Dadaísmo. A última vanguarda histórica seria o Surrealismo lançado em Paris por André Breton, em

¹² LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

1924. Some a isso as inovações tecnológicas e o crescimento das cidades em detrimento do campo para o clima de mudança.

Retornando da Europa em 1912, Oswald de Andrade divulgou idéias cubistas e futuristas; Lasar Segall (Russo que se fixara no Brasil), realizou uma exposição expressionista em São Paulo e Campinas (1914) e, em 1914, Anita Malfati expõe em São Paulo. No entanto, a obra expressionista de Anita Malfati, posta em evidência em sua exposição de 1917-1918, mostrou contribuição precursora e audaciosa que não apenas separava a artista por um abismo da pintura acadêmica, como também a distanciava dos que logo mais seriam seus companheiros de ruptura. A pintora paulistana tornou-se presença de importância capital na pequena constelação de episódios vanguardistas da década.

Em 1920, na cidade de São Paulo, um poeta escreve aquele que é considerado o primeiro livro de poemas do Modernismo brasileiro, publicado em 1922 durante a Semana de Arte Moderna. O livro: *Paulicéia Desvairada*. O poeta: *Mário de Andrade*. Os versos livres, a ausência de métrica e de rima e a ambigüidade poética eram recursos que polemizavam de maneira radical com a poesia Parnasiana, linear e clássica. *Paulicéia Desvairada* transformou-se, portanto, na bandeira do movimento modernista.

A primeira fase do Modernismo (1922 a 1930), bastante cosmopolita dada às influências da vanguarda européia, veio combinar-se com componentes localistas, incorporando características da nossa cultura popular. *Losango Cáqui* (1926), de Mário de Andrade, é o primeiro exemplo dessa incorporação da cor local brasileira na literatura.

Somados os esforços desde a exposição de Anita Malfati, em 1917, os defensores da arte moderna decidem tornar públicas suas idéias. A idéia da promoção de uma manifestação memorável na passagem do Centenário da Independência estava presente desde 1920 no espírito de Oswald Andrade. Todavia, se não o pensamento original, pelo menos a iniciativa de levar adiante o projeto do que já seria a Semana, coube a Di Cavalcanti. Graça Aranha é quem faz a ligação entre ele e os futuros patrocinadores do evento, ilustres membros da economia e da política local, tendo Paulo Prado à frente. Di Cavalcanti levou a este o propósito, imediatamente aceito, da realização de uma semana de escândalos literários e artísticos para chamar a atenção da burguesia paulista. Paulo Prado, que aliava em si o profissional da economia cafeeira ao conhecedor erudito das idéias mais

atuais, futuro autor de *Retrato do Brasil*, tornou-se o principal financiador e animador da Semana, colocando em jogo seu prestígio ao envolver-se no que seria o tumultuoso festival de fevereiro de 1922.

A idéia central da Semana foi a de torná-la uma expressão interdisciplinar. A presença da poesia, da dança, da música e de uma exposição de artes visuais, por entre alguns discursos de fundo teórico que pregavam as razões do Modernismo, quase fizeram da Semana um espetáculo completo sob este aspecto.

O contexto das artes plásticas incluía a arquitetura, a escultura e a pintura. O escopo principal era, obviamente, a contestação e a provocação, o que se fez em face de um público ruidoso e que lotava o teatro mas, ao mesmo tempo, diante da indiferença das autoridades.

Assim, no ano do Centenário da Independência inauguram-se, no Teatro Municipal, em São Paulo, as atividades da Semana de Arte Moderna. Aberta por Graça Aranha, seguida da execução de peças de Villa-lobos e da declamação do poema “*Os Sapos*” de Manuel Bandeira, que ridicularizava o Parnasianismo, a Semana provocou gritos e vaias aos modernistas, assustando a burguesia.

Em sua dissertação de abertura, Graça Aranha anuncia ao público os horrores que o esperavam em pintura, poesia e música, descartando a noção de belo como fim supremo da arte. Referia-se por outras palavras, implicitamente, a tese antológica da multiplicidade das categorias estéticas que se impusera desde o Romantismo, enfatizando a transformação incessante da arte, a subjetividade e independência que a conduzem. O escritor defendeu o individualismo da sensibilidade artística moderna, a liberdade absoluta da expressão diante da qual não prevalecerão as academias, as escolas e as arbitrarias regras do nefando bom gosto e do infecundo bom senso.

A Semana configurou-se pela apresentação sincronizada de diferentes dimensões poéticas e com o máximo de informação relacionável. A exemplo dos outros setores da manifestação, a mostra de artes plásticas, instalada no saguão do Teatro, incluía apenas reduzida quantidade de participantes, dos quais Anita Malfati, Vitor Brecheret, Vicente do Rego Monteiro e Di Cavalcanti eram os nomes mais em evidência. O catálogo trazia na capa um desenho expressionista de Di Cavalcanti, que apontava algo para a sua visão formal posterior.

Desse modo, o ponto culminante de toda essa ruptura entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, no Brasil, foi a Semana de Arte Moderna de 1922.

A corrosão da arte acadêmica brasileira era acompanhada pela intensificação das greves operárias, a fundação do Partido Comunista Brasileiro, a criação da Coluna Prestes e o crescimento do Tenentismo, gestando-se com esses e outros fatos a Revolução de 30, numa tentativa de reestruturar a sociedade brasileira em busca de uma nova saída política.

Assim, pretendendo agitar o marasmo na cultura nacional, a Semana propunha uma arte que não fosse mera reprodução da natureza, mas resultado de uma liberdade de pesquisa estética, deixando entrever uma tomada de consciência da realidade nacional. Entretanto, como toda ponta-de-lança, a Semana de Arte Moderna pagava o preço do pioneirismo: era mais vontade do que concretização, mais ebulição de idéias do que aplicação de ideologia. De fato, foi apenas no decorrer da década de 20 que os modernistas, assimilando concretamente as inovações da arte moderna européia, realizaram uma obra mais consistente.

De suas trincheiras, os acadêmicos continuavam defendendo uma beleza que jamais ninguém conseguiu definir. Mas são fragorosamente derrotados com a realização do Salão Revolucionário de 1931 e a construção do novo prédio do Ministério da Educação e Saúde, em 1937. O Modernismo, agora em fase mais proletária, avança para as capitais regionais.

2. Freud na cultura brasileira

Para se entender como a Psicanálise pôde se implantar no Brasil e as modalidades dessa implantação, é necessário ainda levar em consideração as particularidades regionais e conjunturais. Além de diferentes, elas são determinantes para explicar os diversos caminhos que esse saber tomou em solo brasileiro.

Assim, por exemplo, pode-se dizer que no Rio de Janeiro, Psicanálise se expande no universo psiquiátrico a partir da década de 1910, mas como um método da psiquiatria, chegando mesmo a ser incluída nos Tratados de Medicina Legal de Carlos Seidl e de Henrique Roxo. Este último foi o responsável pela introdução do ensino da psicanálise na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Outras figuras eminentes dessa primeira fase de difusão e implantação em solo carioca são Juliano Moreira e Júlio Porto Carrero.

Além disso, pode-se dizer ainda que, nessa época, a Psicanálise desperta também um certo interesse entre os educadores e intelectuais como o jornalista, escritor e conferencista Medeiros de Albuquerque que escreve artigos e faz conferências sobre Freud e a doutrina freudiana.

Mas enquanto a via de implantação da Psicanálise no Rio de Janeiro é o universo psiquiátrico, como uma técnica da psiquiatria, em São Paulo o caminho será bem diferente. Nesta cidade, o início do desenvolvimento da psicanálise vai se caracterizar menos pela adesão da medicina que por uma conjuntura sócio-econômica e cultural favorável. De outra forma dita, como um sistema de interpretação da sociedade moderna, cujo o dito popular "Freud explica!" é ilustrativo.

A vinculação da implantação da Psicanálise em São Paulo ao movimento artístico será, portanto, mais amplamente discutida neste trabalho, já que dá subsídios para a articulação Psicanálise e Modernismo que estamos aqui a explorar.

Para melhor compreender as diferentes fases que marcaram a difusão da psicanálise em território paulista, é possível estabelecer uma periodização que leve em consideração as diferentes problemáticas que cercaram e redefiniram essa prática ao longo da sua implantação. A implantação da Psicanálise em São Paulo se deu ao longo de quatro momentos: a difusão das idéias freudianas (1919-1936); a formação da primeira geração de psicanalistas (1937-1950); a expansão da Psicanálise (1951-1975) e; o nascimento das novas Escolas de Psicanálise (1976-1990).

2.1 A difusão das idéias freudianas

Como podemos constatar através do livro *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*¹³, de Elizabete Mokrejs, as idéias freudianas em São Paulo começam a se difundir a partir de 1919. O texto fundador desse movimento é o artigo de Franco da Rocha intitulado: “Do delírio em geral”. Sua aula inaugural no curso de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1919, versou sobre a “Doutrina de Freud” e ganhou espaço no jornal *O Estado de São Paulo*, sendo publicada como artigo. Este, por sua vez, despertou o interesse de Durval Marcondes que estava iniciando o curso de medicina. A publicação dessa conferência possibilitou ao jovem Durval Marcondes,

ingresso na mesma faculdade, sua primeira aproximação com a Psicanálise. Desta jamais se apartou, constituindo-se na principal figura para a implantação e consolidação do movimento psicanalítico paulista. Exerceu, também, papel da maior importância para sua implantação no Brasil, de modo geral.

Franco da Rocha publicou seis artigos sobre Psicanálise, a maioria deles no jornal *O Estado de São Paulo*. Em 1920, publica uma obra intitulada: "O Pansexualismo na Doutrina de Freud", obra de divulgação científica que obteve algum sucesso de público, mas também discreta reação contrária de diversos médicos. Em 1930, sob o estímulo direto de Durval Marcondes, lança uma segunda edição, onde suprime o termo "pansexualismo", pois tomara conhecimento de que Freud estava em desacordo com o significado e uso deste termo. Franco da Rocha, essa eminente personalidade do mundo psiquiátrico, foi idealizador e fundador do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, que era um dos hospitais mais modernos do mundo e que foi ponto de concentração dos psiquiatras durante muitos anos e de lá saíram muitos psicanalistas. E isso foi graças à prática do diretor Franco da Rocha, impregnado por idéias iluministas francesas, aplicadas já desde Pinel à psiquiatria. Assim, com grande capacidade administrativa, conseguiu colocar a psiquiatria paulista na vanguarda. Somente no fim pôde ter contato com as obras de Freud, tornando-se delas entusiasta. Aposentou-se em 1923 e a direção do Juqueri passou a Antonio Carlos Pacheco e Silva.

Franco da Rocha foi, ainda, o primeiro professor da Cátedra da Clínica Psiquiátrica e de Doenças Nervosas da Faculdade de Medicina de São Paulo. Com a aposentadoria de Franco da Rocha, concorreu à vaga aberta um único candidato, o qual foi reprovado pela banca por insuficiência de conhecimentos necessários. Foi o único caso conhecido na história dos concursos da faculdade em que uma vaga de professor catedrático (ou posteriormente titular) deixou de ser preenchida por reprovação. Assim, o neurologista e já professor, Enroljas Vampre, passou a se encarregar, além da neurologia, agora também da psiquiatria. Somente em 1936 ocorreu um novo concurso para a mesma cátedra e o que se seguiu possuía a marca do confronto havido entre os dois concorrentes à cátedra: Durval Bellegarde Marcondes, pioneiro e sustentáculo do movimento psicanalítico

¹³ MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

paulista e Antonio Carlos Pacheco e Silva que, ocupando a cadeira, teve um papel de enorme importância na psiquiatria de São Paulo. Com a vitória de Pacheco no concurso, a psicanálise não só perdeu a oportunidade de instalar-se na Faculdade de Medicina como passou a enfrentar forte antagonismo e uma atitude até hostil provinda da psiquiatria acadêmica. Por décadas foi segregada pelo *establishment*. E logo Pacheco e Silva, além da Faculdade de Medicina, tornou-se também professor da recém-fundada Escola Paulista de Medicina, tendo então a psiquiatria universitária paulista em suas mãos.

Organicista, higienista, influente no meio acadêmico e com trânsito no circuito político, Pacheco e Silva, combatente feroz da psicanálise, é a principal personalidade do mundo psiquiátrico paulista entre os anos 20 e 50. É provavelmente por influência dele que a Psicanálise encontrou grande resistência no meio médico nessa primeira fase de implantação. A essa oposição, deve-se acrescentar uma disputa ferrenha que ele trava com o recém formado médico, Durval Marcondes. Sem experiência, visto por seus pares como um "homem esquisito", ele será ironizado, excluído do universo psiquiátrico paulista e teve todas as portas fechadas nas universidades controladas por Pacheco e Silva. Entretanto, convencido da missão que se impôs, a de introduzir no Brasil a doutrina freudiana, Marcondes vai dedicar sua vida à implantação da psicanálise, tornando-se, assim, o fundador, juntamente com Franco da Rocha, da primeira instituição psicanalítica criada na América Latina, a Sociedade Brasileira de Psicanálise, em 1927. Embrião do grupo que seria reconhecido pela International Psychoanalytical Association (IPA) em 1951, sob a denominação de Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Essa primeira Sociedade Psicanalítica visava promover reuniões científicas, congregar interessados no estudo da psicanálise e fazer divulgação psicanalítica através de cursos, palestras, artigos e entrevistas na imprensa local. Inscreveram-se vinte e quatro membros e entre eles destacavam-se personalidades das ciências e letras da época como, por exemplo, Menotti Del Picchia.

Depois de alguns anos, essa primeira Sociedade havia, segundo Durval Marcondes, cumprido sua finalidade de estimular estudos e divulgar a psicanálise. Em 1930, houve um acontecimento que foi decisivo para desativar essa primeira Sociedade. Durval Marcondes recebeu de Max Eitingon, presidente da International Psychoanalytical Association (IPA) e um dos fundadores do Instituto de Psicanálise de Berlim, uma publicação comemorativa dos dez anos de existência desse Instituto, contendo uma

descrição do sistema de formação psicanalítica que havia sido desenvolvido e aperfeiçoado ali. Este instituto foi o primeiro centro de ensino psicanalítico organizado a surgir e tornou-se o modelo de formação psicanalítica adotado por todas as filiais da IPA, baseado em três critérios fundamentais: análise didática, supervisão de dois casos clínicos e cursos teórico-técnicos. Desse modo, Durval Marcondes ficou convencido de que deveria criar condições para implantar esse sistema aqui e nisso empenhou-se, de forma persistente, durante quase dez anos. Assim, um dos primeiros passos foi providenciar a vinda de um psicanalista europeu, já formado nos moldes da IPA. Mais detalhes a respeito dessa primeira Sociedade de Psicanálise, formada em 1927, nos deteremos mais adiante.

Durval Marcondes é a síntese do homem culto da época: informado, dinâmico, ousado, empreendedor. Apesar de formado em medicina pela USP, era mais um espírito humanista e esteta, tendo participado, inclusive, da Semana de Arte Moderna em 1922. Graças a seu entusiasmo fundou, em 1928, a Revista Brasileira de Psicanálise e aglutinou em torno de si um grupo eclético de interessados, que acabaram por conferir a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo seu caráter pluralista, malgrado uma certa aura de ortodoxia que sempre rondou as sociedades ligadas a IPA, mas que, felizmente, vem se dissipando atualmente.

Enquanto é combatida e boicotada pelo meio neuropsiquiátrico, a psicanálise encontra terreno fértil para a sua difusão graças ao contexto sócio-econômico da cidade e o interesse que desperta no meio cultural da época e, em particular, no movimento modernista.

No começo da década de 20, São Paulo é a nova metrópole emergente do país. Impulsionada pelo sucesso da economia agro-exportadora do café, ela é a cidade brasileira que mais se beneficia da expansão da economia industrial provocada pela Revolução Científico-tecnológica dos anos 1870 na Europa. A cidade apresenta um crescimento econômico excepcional seguido de um extraordinário desenvolvimento tecnológico, artístico e cultural. Foi classificada como a 11ª cidade brasileira no primeiro recenseamento de 1872 e, em 1920, ela ocupa a segunda posição, atrás da capital, o Rio de Janeiro. Com uma população oriunda basicamente do meio rural, composta de imigrantes principalmente de origem italiana e de correntes migratórias internas, São Paulo é, apesar da explosão

demográfica e dos graves problemas que disso decorrem, um verdadeiro caos urbano que preocupa os espíritos e ocupa as páginas dos jornais.

A problemática urbana contribui para a difusão do freudismo em São Paulo; envolve um certo número de questões que exigem respostas não só no que diz respeito aos problemas concretos, mas também no universo da subjetividade, tais como: estrutura espacial e habitacional totalmente anárquicas e paradoxais, conflitos sociais, crise do modelo patriarcal rural, enfraquecimento do discurso masculino, perda da autoridade paterna, efervescência da problemática familiar e, em particular, a construção da identidade feminina produzida pela nova forma de vida na cidade. No começo dos anos 20, lembra Sevcenko¹⁴, os paulistas parecem divididos entre o desejo de modernidade e a crença no progresso e no futuro de um lado e o medo, a angústia e a incerteza de outro. Esses novos civis procuram respostas a esse clima de tensões e violência em que se encontram submergidos. Com "os nervos à flor da pele", para usar uma expressão da época, eles suscitam o desejo de amparo de toda ordem e, em especial, "espiritual e miraculoso"¹⁵. Nessa atmosfera "frenética", "a curiosidade sobre as teorias de Freud é enorme". Temas como a sexualidade, agressividade, fofoca, misticismo e feminismo são tratados pela imprensa, entre outros, à luz da psicologia social e da psicanálise, lembra Sevcenko.

Um outro dado que contribui para a difusão da psicanálise em solo paulista é o interesse dos intelectuais, escritores e artistas por essa problemática e, em particular, pelos que fundam a Semana de Arte Moderna de 1922. Ao longo da década de 20, os modernistas exploram as teses freudianas nos principais textos e revistas desse movimento, sem que isso represente nenhum comprometimento ou preocupação de filiação à psicanálise e, menos ainda, de coerência teórica. Ao contrário, eles fazem uso da psicanálise em diferentes níveis. Alguns se servem dessa disciplina para a construção do perfil psicológico de certos personagens como, por exemplo, Menotti Del Picchia em seu romance *Salomé*. Escrito nos anos 30, ele é nitidamente inspirado em "Estudos sobre a Histeria" de Bleuer e Freud. Ao passo que outros se limitam a flertes ocasionais. Neste caso, o saber psicanalítico parece funcionar mais como atualização bibliográfica do que como tema de interesse científico e

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frenentes anos20*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

¹⁵ Op. Cit., p.225.

de reflexão. É o que se verifica, por exemplo, na produção literária de Alcântara Machado e, em particular, em seu romance *Mana Maria*, publicado em 1936 após sua morte. Já outros estabelecem um debate crítico e severo com os conceitos psicanalíticos. É o caso de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Mário de Andrade introduz as teses freudianas em seus escritos em grande parte por influência das leituras que faz dos psicólogos franceses e, principalmente, Ribot. Preocupado com a reflexão sobre um novo modelo de construção poética ele se serve, particularmente, dos conceitos de pulsão, consciente, subconsciente e sexualidade. Eles aparecem principalmente em *Paulicéia Desvairada*, escrito em 1920 e publicado pela primeira vez em 1922 ; *Amar, Verbo intransitivo* de 1927 e *Macunaíma* de 1928.

Já o libertário Oswald de Andrade entretêm uma leitura mais polêmica e irônica com as teses freudianas. Para ele, se Freud tem o mérito de identificar os pontos deficitários da sociedade capitalista e patriarcal, por outro lado, os conceitos freudianos de "sublimação", "repressão", "instinto" e "castração" reafirmam, a seu ver, as normas rígidas dessa civilização que ele, contrariamente a Freud, quer destruir. Leitor principalmente dos textos freudianos "Totem e Tabu" (1913) e "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), Oswald propõe "superar a contradição permanente do homem e o seu Tabu" (Andrade, 1970: 18), não pela noção de sublimação das pulsões sexuais sugerido por Freud, mas pela proposição do "retorno à ancestralidade". Encontramos referências à doutrina freudiana não só na Revista de Antropofagia, mas também em seus manifestos "Pau Brasil" e "Antropófago", assim como mais tarde em ensaios e memórias, como "Um homem sem profissão" (1954) ou "Memórias sentimentais de João Miramar" (1972).

Por outro lado, apesar desse debate intenso entre os escritores modernistas e a Psicanálise ao longo dos anos 20, participam da fundação da primeira Sociedade de Psicanálise somente Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho. Vale lembrar ainda que esse tipo de apropriação produz efeitos significativos no que se refere à implantação do saber psicanalítico no país e nas repercussões que ele terá no imaginário social. Isso porque, já nessa época, não somente eles deslocam esse saber do domínio médico, como introduzem a Psicanálise no universo cultural e pelo viés da psicologia social.

Com respeito a esse período, um outro dado importante de assinalar diz respeito às publicações das obras de Freud em língua portuguesa, assim como a grande difusão de

autores freudianos. A primeira tradução data de 1931. Trata-se de "Cinco lições de psicanálise" traduzido por Durval Marcondes e J. Barbosa Corrêa, assistente da clínica médica da Faculdade de Medicina de São Paulo, e publicada pela Editora Nacional de São Paulo.

Após a tradução de Durval Marcondes, coube à editora Guanabara Weissman Koogan a responsabilidade pela edição das primeiras obras de Freud. Com sete volumes, ela é composta de diversos textos selecionados e traduzidos por eminentes médicos e publicados com a autorização do autor. Mais tarde, nos anos 50, algumas dessas traduções serão em parte retomadas pela editora Delta que publica, pela primeira vez no Brasil, as obras completas em dez volumes.

Cabe ainda ressaltar que, ao longo desse período, vamos assistir a uma grande proliferação de traduções de outros autores freudianos, assim como de trabalhos sobre a Psicanálise, principalmente de Arthur Ramos. Além da sua tese de doutorado em Medicina, defendida em 1926, na Bahia e intitulada "Primitivo e Loucura", ele publica, ao longo dos anos 30, uma série de artigos e livros inspirados na Psicanálise. Assim, é através da difusão pelo movimento literário, pela imprensa, em publicações especializadas e como um modelo explicativo da sociedade que a psicanálise se torna conhecida nesse período, ainda que de um público restrito, antes mesmo de ser praticada.

2.2 Formação da primeira geração de psicanalistas

A partir de 1937 inaugura-se um segundo período que vai até 1951. Esse período vai da constituição do primeiro círculo de psicanalistas ao reconhecimento da Sociedade de Psicanálise de São Paulo pela IPA.

As particularidades que marcam doravante a Psicanálise devem ser compreendidas no contexto de expansão da IPA, com a instauração da obrigatoriedade da análise didática e da supervisão. Deve-se também levar em consideração a situação sócio-política local de ditadura e, no plano internacional, a Segunda Guerra Mundial.

O acontecimento que marca esse período é a chegada ao Brasil, em outubro de 1936, de Adelheid Lucy Koch (1896-1980). Judia, berlinense, Koch é uma mulher culta, amante das artes e de literatura. Formou-se em medicina pela Universidade de Berlim, em 1924. Em 1929, ingressou como candidata no prestigioso Instituto de Psicanálise de

Berlim, tendo se submetido a análise didática durante quatro anos e meio com Otto Fenichel. Recebeu supervisões clínicas da Dra. Salomea Kempner e da Dra. Tereza Benedek. Tornou-se membro da Sociedade de Psicanálise de Berlim em 1935, tendo apresentado nessa ocasião o trabalho “*Análise da resistência numa neurose narcísica*”.

Mas nessa Berlim dos anos 30 os tempos são duros. Desde 1933 Adolf Hitler está no poder e os efeitos da política do nacional socialismo se fazem sentir no interior do movimento psicanalítico. Nessa data, é aprovado o decreto de arianização das instituições médicas alemãs e as obras de Freud, como a dos escritores judeus, são queimadas em praça pública.

Em 1934, no XIII Congresso da IPA, 24 dos 36 membros do Instituto de Berlim, quase todos judeus, já haviam deixado a Alemanha. Eles o fazem forçados também pela estratégia que ficou conhecida como o "salvamento da psicanálise" colocada em ação por Ernest Jones, então presidente da IPA.

Após hesitar entre um exílio em Londres ou na Palestina, a jovem psicanalista, uma mulher de quarenta anos, sem experiência, mas corajosa e impulsiva, aceita a proposição de Jones e embarca com a família para São Paulo no mês de outubro de 1936. Ironicamente, um mês antes do seu embarque, em setembro, uma outra judia, alemã, Olga Benário, é obrigada a deixar o solo brasileiro. Essas duas mulheres cruzam o oceano no mesmo momento, uma extraditada pela ditadura de Vargas em direção à Alemanha por ser militante do Partido Comunista Brasileiro e esposa de Luis Carlos Prestes e, a outra fugindo do nazismo.

Somente em julho de 1937 a Dra. Koch foi procurar Durval Marcondes e, logo em seguida, iniciou seu trabalho pioneiro de clínica psicanalítica. Apesar da sua falta de experiência, Koch é, em 1937, a primeira e única analista didata da América Latina autorizada pela IPA a vir para o Brasil. Desse modo, coube ao casal Koch/Marcondes implantar a Psicanálise em solo paulista. Assim, em 1937 deu-se a partida para a formação teórica e prática sistematizada segundo os critérios da IPA, sob a orientação da psicanalista alemã Adelheid Koch.

Logo após sua chegada, em julho de 1938, durante o *1º Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação, Medicina Legal e Criminologia*, após tecer considerações sobre o id, o ego e o superego, Durval Marcondes

deteve-se na explanação dos critérios para a formação de psicanalistas, afirmando o terceiro passo do movimento: a institucionalização, com seus padrões para a profissionalização de acordo com os moldes da IPA. Daí em diante, esse discurso predominaria no país, impondo um tratamento globalizante à Psicanálise e difundindo conceitos e práticas que, via de regra, seriam considerados como verdadeiros e únicos. Para ser psicanalista o interessado tinha de assegurar sua *formação técnica* nas regras outorgadas pela IPA.

Os primeiros candidatos a analistas aceitos pela Dra. Koch foram: Durval Marcondes, Darcy Uchôa, Flávio Dias e Virgínia Bicudo. Os três primeiros são médicos. Virgínia Bicudo formou-se professora normalista, em 1930; educadora sanitária, pelo Instituto de Higiene da Universidade de São Paulo, em 1932; bacharel em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política, em 1945. É importante frisar sua formação acadêmica, pois ela foi a primeira candidata “não-médica”. Nessa época não existia, no Brasil, nem a formação nem a profissão de psicólogo. Com tais características, teve início a formação do primeiro núcleo psicanalítico da América Latina, com aspiração de vir a integrar-se como filiado à IPA. Foi um longo e árduo percurso até atingir esse alvo institucional.

Ainda que contrário às normas da IPA, mas forçada pelas circunstâncias, Adelheid Koch acumulava as funções, responsabilizando-se também pelos estudos teórico-técnicos e pelas supervisões clínicas dos candidatos. Uma das exigências da IPA é de que as atividades de formação sejam exercidas por diferentes analistas. Talvez essa restrição do grupo inicial tenha retardado o seu reconhecimento pela IPA. Entretanto, a IPA nunca questionou o fato de a Dra. Koch exercer as diferentes funções para um mesmo conjunto de candidatos, provavelmente compreendendo a dificuldade de não haver outros analistas didatas em São Paulo, tendo sido testemunha, no mínimo há uma década, do esforço tenaz e contínuo de Durval Marcondes nesse sentido.

A Dra. Adelheid Koch ampliou o número de candidatos em formação na medida de suas condições didáticas. Desde o início e ao longo dos anos 40, novos candidatos foram aceitos por ela, como Frank Philips, Henrique Mendes, Lygia Alcântara Amaral, Isaías Melsohn.

Pouco a pouco, os artigos de Durval Marcondes demarcam um novo campo de interesse. Se em 1928 seu artigo para a primeira *Revista de Psicanálise* enaltecia a contribuição da literatura para desvendar o mecanismo do inconsciente, seus textos

posteriores estão centrados na apresentação de resultados psicoterápicos (1930), fenômenos experimentais (1932), progressos “definitivos e confiáveis” (1935), bem como reflexões para o emprego da Psicanálise na medicina e na higiene mental (1933).

Vale ressaltar, entretanto, que a Psicanálise afastou-se do *establishment* acadêmico pela via da medicina, apesar de seu desejo de fazer parte dele: as portas da Faculdade de Medicina e da Escola Paulista de Medicina, nas mãos de Pacheco e Silva, que antagonizava com a Psicanálise, mantiveram-se seladas. Por isso, a Psicanálise entraria para a academia conduzida pelas mãos da higiene mental. Em 1934, Durval passou a dar aula no curso de Higiene Mental no Instituto de Higiene, atuando no quadro de uma legislação que dispõe sobre a profilaxia mental, a assistência e a proteção aos psicopatas, aprovada em 1934.

Marcondes divulga a Psicanálise como pode. Organiza conferências, publica seus primeiros artigos, tenta convencer os médicos a aceitarem não somente a nova disciplina, mas também uma mulher na direção desse movimento. Tarefa árdua e pouco convincente para um universo masculino e marcado pela medicina medicamentosa.

Em junho de 1944, foi constituído o Grupo Psicanalítico de São Paulo, contando com a Dra. Koch e com cinco analistas formados por ela (Durval Marcondes, Virginia Bicudo, Flávio Dias, Frank Philips e Darcy Mendonça Uchôa). Durval Marcondes foi eleito Presidente do Grupo.

Em 1950, foram contratados mais dois psicanalistas europeus, na condição de didatas. Um deles ficou durante algumas meses no país, desistiu de permanecer aqui e foi embora. Já Theon Spanudis (1915-1986) permaneceu entre nós e, logo, começou a desenvolver tanto sua clínica particular quanto assumiu suas funções didáticas. Spadinus emigrou de Viena para São Paulo, tendo feito sua formação e se tornado membro da Sociedade de Psicanálise de Viena. Fez sua análise didática com August Aichorn e uma reanálise com Otto Fleishman.

Em 1951, o grupo obteve, no Congresso Internacional de Amsterdã, o reconhecimento definitivo como filial da IPA. A vinda de Spanudis deve ter pesado bastante na decisão dos dirigentes da IPA, assim como pode ter chegado a ponto de saturação a protelação que se vinha fazendo com o reconhecimento provisório do grupo. O grupo passou a ser denominado Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e se tornou a primeira filial da IPA no Brasil.

Na década de 50, duas novas sociedades foram fundadas no Rio de Janeiro e, no início dos anos 60, foi fundada a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, que recebeu forte influência da Psicanálise Argentina. A partir de 1960, com a criação da COPAL (atual Federação Psicanalítica da América Latina) e depois da Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), em 1967, a Psicanálise brasileira foi se difundindo consistentemente, inclusive com a participação de grupos não-filiados à IPA.

No início deste novo milênio, podemos dizer que a Psicanálise está integrada de modo definitivo no âmbito científico e sócio-cultural do mundo ocidental, representando um instrumento poderoso não só em relação ao desvendamento dos mistérios da alma humana, mas também no equacionamento dos pungentes conflitos sociais da atualidade.

No capítulo seguinte será feita uma ponte entre as teorias do pai da Psicanálise e os modernistas, a fim de buscar as possíveis relações e influências das idéias de Freud sobre o Modernismo; bem como a relação entre os primeiros psicanalistas brasileiros e o movimento modernista.

3. Psicanálise e modernismo

Para o Modernismo, enquanto discurso estético que buscava romper com os valores tradicionais em prol do estilo e da singularidade, a Psicanálise serviu como modo de viabilizar a valorização de elementos periféricos, sendo utilizada para a crítica ao passadismo e também como instrumento para o questionamento dos valores de mercado e do trabalho que impunham severos limites para o prazer e para a vida. Em seu estudo sobre Mário de Andrade, Telê Porto Ancona Lopez, professora de literatura da USP e membro titular do conselho deliberativo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), entendeu o período modernista de 1922 e 1945 como um período em que foram absorvidas teorias estéticas e filosóficas, tendo como centro principal de indagações “o binômio psicanálise–marxismo”¹⁶.

A Psicanálise, portanto, foi uma das molas mestras para que o pensamento modernista atingisse a ruptura desejada em relação à tradição portuguesa. Na verdade, o pensamento psicanalítico circulava no meio intelectual do país desde a década de 1910.

¹⁶ LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, p. 195-6.

As propostas freudianas desembarcaram no país não apenas pela via da medicina psiquiátrica, mas, muitas vezes, por intermédio dos que viajavam para a Europa – como Oswald, que travou contato com a Paris futurista (a partir de 1909), Graça Aranha (de 1900 a 1920), Manuel Bandeira (1912), Ronald de Carvalho, além de Tristão de Athayde, Sérgio Milliet, Paulo Prado –, assimiladas a partir de uma leitura enviesada das vanguardas européias, que já propunham uma releitura de Freud. Aqueles que não viajaram para Europa buscaram conhecer a Psicanálise principalmente através de traduções francesas de Freud e de outros psicanalistas, como L Charles Badouin (1924), figurinha fácil nas estantes dos modernistas da época.

*“Dom Lirismo, ao desembarcar do Eldorado do inconsciente no cais da terra do consciente é inspecionado pela visita médica, a Inteligência, que o alimpa dos macaquinhos e de toda e qualquer doença que possa espalhar confusão, obscuridade na terrinha progressista. Dom Lirismo sofre uma visita alfandegária, descoberta por Freud, que a denominou censura. Sou contrabandista! E contrário à lei da vacina obrigatória”.*¹⁷

A pesquisa de Lopez¹⁸ na biblioteca de Mário de Andrade, por exemplo, acompanha as datas de edição e de composição de seus trabalhos, relacionando-os aos conceitos psicanalíticos por ele estudados e apresenta a hipótese de que suas leituras sobre esse tema teriam ocorrido principalmente durante a primeira parte da década de 1920. Na biblioteca de Mário, que está centralizada no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), existem sete livros das obras completas de Freud, além de dezenas de outros autores de Psicanálise. Entre eles, o livro *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* de Freud (1905), que lhe foi dado por Paulo Prado, com dedicatória de 1923.

Os modernistas encontraram na obra freudiana uma fonte fundamental de pesquisa e de instrumento de reflexão e crítica em relação às idéias de raça, evolução e, sobretudo, à concepção da subjetividade (com a apropriação do discurso do inconsciente e da centralidade da sexualidade e do primitivo em sua produção), influenciando a construção dos personagens e o próprio ato da escrita.

Para dar consistência a tal posicionamento, eles buscaram destacar os conceitos freudianos que lhes poderiam servir de auxílio na crítica da civilização ocidental e na positivação do pulsional, da intensidade e do excesso. A substituição do idealismo

¹⁷ ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. São Paulo: Martins, 1980, p. 27-8.

decadente pelo inconsciente servia à proposta de libertar os mais diferentes recalques históricos, sociais, estéticos e étnicos do país. Dito de outro modo, considerava-se como diferença positivada o que tivera valor de menos, ou seja, de incompetência racial, genética, cultural ou causada pela fome e pelos vermes.

Foi assim que as expressões populares que haviam sido emudecidas e descartadas da memória da intelectualidade brasileira puderam ser positivadas no contexto cultural. E, com elas, outras questões ligadas ao excesso e à fragmentação passavam a existir como elementos da cultura: a sexualidade, a sensualidade, a sedução, a alegria e a embriaguez dos sentidos, atribuídas à herança índia e negra, não apenas perderam a mordada secular como expressão subjetiva, como também se tornaram partes integrantes da brasilidade.

Na literatura, configurou-se um povo à margem da ideologia do trabalho, fortemente sexualizado, preguiçoso, irresponsável, com traços que indicavam o predomínio do pulsional sobre o racional e o tornavam inadequado à construção e à participação do progresso nos parâmetros do chamado Primeiro Mundo.

Não se almejava o racional, nem o afã de produzir capital, mas sim a alegria de outros poderes. A invenção do país que se desejava e o intuito de libertação dos grilhões do colonialismo cultural e do passadismo abriam espaço para a criação do novo, enchendo o artista de alegria.

Pode-se dizer, portanto, que a Psicanálise serviu também como meio para uma nova linguagem, no que diz respeito tanto à formação de novos vocábulos (falava-se em inconsciente, sonho, sexualidade, associação livre, recalque, sublimação, regressão, fixação, etc.) e ao ato de escrever, quanto ao conteúdo, ou seja, seu desenvolvimento imbricou-se com a arte modernista, sendo meio de suporte e da expressão dos afetos.

As mais diversas revistas modernistas trouxeram Freud à baila, quer seja nas citações e traduções, quer seja na pena de seus poetas e escritores. Do mesmo modo, a concepção de Mário de Andrade sobre o processo de criação em *“Prefácio Interessantíssimo”*:

“Ribot disse algures que inspiração é telegrama cifrado transmitido pela atividade inconsciente à atividade consciente que o traduz. Essa atividade é que pode ser repartida entre poeta e leitor...”¹⁹

¹⁸ LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

¹⁹ ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: Martins, 1980, p. 27.

Confirmando essa tendência, Oswald escreveu o romance “*Serafim Ponte Grande*”, no qual Freud é chamado a *falar*:

*“Prezado e grandíssimo Sr. Sigismundo.
De regresso a Paris encontrei minha ex-amante, Dona Branca Clara, inteiramente nervosa.
Vive sonhando que tem relações sexuais com Jesus Cristo e outros deuses. Isto é demais.
Peço socorro à psicanálise (...)”*²⁰.

Os exemplos são intermináveis e demonstram que a interação entre o chamado Modernismo de 1922 e a Psicanálise não se limitou ao plano intelectual, sendo encontrada também nas relações dos artistas com seus próprios processos de criação e produção, bem como em seus posicionamentos pessoais e políticos para com o país.

3.1 Os modernistas deglutindo Freud

O Modernismo, em sua primeira fase – não custa lembrar que valorizei neste trabalho a primeira fase modernista como sendo aquela referida principalmente à busca de ruptura com a colonização cultural – foi, decerto, um movimento de subversão, embora as obras, abundantes e irregulares, tenham permanecido envoltas nos processos de contradição inerentes à crise que (as) produziram. Assim como a mentalidade senhorial que nos regeu não terminou com o fim da escravatura, o conservadorismo do pensamento contaminou os modernistas. Mas não do mesmo modo: os modernistas travaram uma luta com o lugar de colonizado, tornando-se conscientes do que isso representava dentro deles mesmos, bem como na cultura de repetição-do-mesmo que os banhava e que procuraram implodir. Em outras palavras, travava-se uma luta entre colonizado e colonizador no interior de cada sujeito.

Assim, se por um lado podemos ver no percurso desses autores as contradições e ambivalências entre o que propunham e faziam, há outros aspectos em suas obras que apresentam um sentido de radicalidade e ruptura fortíssimo e que se referem a um processo de análise crítica do mundo e de si mesmo. Manuel Bandeira, por exemplo, embora mantivesse alguns traços do que chamava de “*alma ruim*” e que ele remontava a um certo

registro romântico das emoções, relativizava ou mesmo neutralizava tais tendências por meio da tomada de consciência dessa marca na sua escrita e por meio da busca de síntese e da leveza de ser modernista.

Através das obras, infiltrava-se uma apropriação singular da Psicanálise que trazia um novo olhar sobre o ato da escrita e sobre o si-mesmo, que estava voltado para o Brasil. Tratava-se de analisar o brasileiro não mais pela via da raça, da cor, da geografia, e sim pela via da cultura e de sua singularidade. À pergunta “*Quem sou eu?*”, que fervilhava no pensamento intelectual da época, se juntou à Psicanálise com seus conceitos de divisão, inconsciente e enigma, que assim passaria a representar um novo discurso, um novo caminho de leitura do si-mesmo e do mundo.

“Assim incapaz e frágil diante da vida (...) era natural que a poesia de Carlos Drummond de Andrade se alargasse em uma maior detalhação individual. De fato: a caracterização psicológica de Alguma Poesia não assume apenas as verdades totais do indivíduo (...). Dois seqüestros tem no livro, pelo menos dois, que me parecem muito curiosos: o sexual e o que chamarei ‘da vida besta’. Ao seqüestro da vida besta, Carlos Drummond de Andrade conseguiu sublimar melhor. Ao sexual não; não o transformou lyricamente: preferiu romper adestro contra a preocupação e lutas interiores, mentindo e se escondendo. (...) onde o seqüestro explode com abundância provante é no livro estar cheio de coxas e especialmente de pernas (...).”²¹

Os exemplos desse novo modo de interpretar são muitos, mas Mário e Oswald talvez tenham sido aqueles que mais buscaram a construção de uma nova estética como crítica à modernidade com maior consequência. Ademais, influenciaram os modernistas de todo o país.

A partir de análises baseadas principalmente nas obras *Interpretação dos Sonhos* (1900), *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), *Três Ensaios para a Teoria da Sexualidade* (1905), *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905), *A Moral Sexual Civilizada e a Doença Nervosa Moderna* (1908), *Cinco Lições de Psicanálise* (1909-10), *Totem e Tabu* (1912-3), *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914), *Reflexões para os Tempos de Guerra e a Morte* (1915), *Conferências Introdutórias para a Introdução na Psicanálise* (1915-1917), *Alguns Tipos de Caráter encontrados no Trabalho Psicanalítico* (1916), *Além do Princípio do Prazer* (1920), *Psicologia Coletiva e Análise*

²⁰ ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas*, vol.2. Coleção Vera Cruz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 218.

²¹ ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1980, p. 35.

do *Eu* (1923), *O Eu e o Isso* (1923) de Freud, esses dois autores compreenderam a civilização ocidental como responsável por uma série de mazelas do país. Ainda mais: sua leitura deixa transparecer que acreditavam na idéia de que a memória brasileira foi forjada a partir de um recalque primordial.²²

Com Freud, apesar de reconhecerem os avanços técnicos que facilitam a vida do homem moderno, tomaram consciência do ônus das exigências civilizatórias ocidentais na vida libidinal e no campo das subjetividades singulares, ao mesmo tempo em que denunciaram a fragilidade dos códigos fundamentados na ciência e na razão.

*“Será decisivo saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios pulsionais imposto às pessoas, reconciliá-las com aquelas moções pulsionais que necessariamente devem permanecer e fornecer-lhes uma compensação”*²³.

Mário e Oswald queriam dar voz às formas subjetivas que o racionalismo, o cientificismo e a moral católica sacrificaram. Por isso, de um lado, valorizaram o inconsciente do sujeito na busca do sonho (como disse Freud: “A interpretação de sonhos é na realidade a estrada real para o conhecimento do inconsciente”²⁴) e, com ele, o lírico, a associação livre, a mínima palavra-coisa que pudesse oferecer o estranhamento capaz de fazer eclodir o novo. E, do outro, no campo da cultura, o que se relacionava com o inconsciente. O primitivo, considerado excluído de influência ocidental, foi metaforizado no homem dos afetos, dos desejos, dos sentidos e das sensações, referido ao brasileiro e à sua sexualidade; a idéia de que a infância e a pré-história seriam pontos fundamentais na genealogia do sujeito, transformada na consideração da pré-história do Brasil, logicamente anterior ou externa à cultura imposta, como fonte de descobertas a serem feitas para que se constituísse o brasileiro apropriado de si mesmo.

3.2 Psicanalistas modernistas

Entre os primeiros médicos interessados no pensamento psicanalítico, havia um grupo importante interessado na sua aplicação para a análise da literatura.

²² LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 11-2.

²³ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. In: *Obras Psicológicas Completas da Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. vol. XXI, p. 141.

²⁴ FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise*. In: *Obras Psicológicas Completas da Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. vol. XXI, p. 29-37.

“O doutor Luís Ribeiro do Vale, na sua tese de doutoramento em 1918 (ano letivo de 1917) refere-se ao meu livro – “Policarpo Quaresma”. O título é ‘Psicologia Mórbida na Obra de Machado de Assis’”²⁵.

Nessa área, os estudos foram numerosos. Entre eles, destacam-se os de Luís Ribeiro do Vale (*Certos Escritores Brasileiros Psico-Patologistas* - 1934), os de Américo Valério (*Machado de Assis e a Psicanálise* - 1930), os de Durval Marcondes (*O Símbolo Estético na Literatura* - 1952) e os de Osório César (*Contribuição ao estudo do simbolismo místico dos alienados* - 1927).

O uso da Psicanálise para novos fins afastava esses médicos da perspectiva organicista, apesar da utilização de técnicas advindas dessa escola continuarem a ser bastante difundidas nas práticas da época. Tratava-se então de uma apropriação da Psicanálise que, apesar de advinda do meio médico, promoveu uma certa ruptura com suas práticas. Neves-Manta foi um dos pioneiros que buscavam a psicanálise como meio de ruptura:

“(...) eu me permito (...) trazer Freud à baila. E jogá-lo, renovacionário, de encontro a Kraepelin. E concluir afinal mais inclinado aos aforismos sintéticos do mago vienense do que a avalanche atravancada da velha sabedoria conservadora”²⁶.

Além dele, outros médicos se apoiaram na Psicanálise para buscar modos mais eficientes no auxílio à população mais desvalorizada socialmente e à sua fala:

“(...) Odilon Galotti no Rio, James Ferraz Alvim em São Paulo e Ulysses Pernambuco, em Recife (para citar alguns nomes, reconhecidos pela própria LBHM como representantes da psiquiatria brasileira) orientavam suas pesquisas numa direção totalmente oposta (...)”²⁷.

Esses primeiros psicanalistas tomaram parte ativa na difusão da Psicanálise no país, utilizando a Psicanálise em sua clínica, como Ulisses Pernambuco a partir de 1931, fazendo traduções da obra de Freud e tomando parte da primeira Sociedade de Psicanálise de São Paulo.

²⁵ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro; diários, cartas, entrevistas e confissões diversas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1919, p. 138.

²⁶ NEVES-MANTA, I.de L.. *A Psicanálise da alma coletiva*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1932, p. 72.

²⁷ COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, p. 109.

O novo instrumento de trabalho, aliado à busca de ruptura com a tradição e o interesse pela produção artística marcaram um forte laço entre os campos: enquanto os médicos liam os textos de Badouin, os modernistas reproduziam em suas revistas os trabalhos desses autores. É assim que podemos encontrar Iago Pimentel traduzindo *As Cinco Lições de Psicanálise* de Freud numa revista modernista e Ascânio Lopes escrevendo sobre “O papel do instinto no mundo” em outra.

Mas o discurso desses estudiosos permanecia sem a aceitação necessária para expandir-se, quer seja dentro da comunidade médica, quer seja na intelectualidade local. Franco da Rocha serve como um bom exemplo das dificuldades enfrentadas para driblar as resistências contra a implantação da psicanálise no meio médico. Ele sofreu fortes retaliações por causa da ousadia de suas exposições sobre a sexualidade, chegando a gerar na congregação da Faculdade de Medicina uma certa apreensão em relação a sua sanidade mental. Havia, de fato, uma forte resistência à psicanálise na sociedade médica da época.

Como comentamos anteriormente, Durval Marcondes, já em 1919, ainda estudante, encantara-se pela Psicanálise. Através do contato com outro antigo professor, Raul Briquet, conheceu, em 1924, o *International Journal of Psychoanalysis* e resolveu aventurar-se pela Psicanálise, passando a exercê-la autodidaticamente, quando Franco da Rocha já estava aposentado.

Durval também sofreu resistências ao seu trabalho, sendo continuamente desencorajado por seus colegas de hospital a analisar os pacientes internados pela Psicanálise, porque para a maioria dos médicos conversar com os pacientes era uma perda de tempo.

Em 1926 ele redigiu o livro *O simbolismo estético na Literatura – ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psycho-analyse*, tese de concurso para a cátedra de literatura no ginásio do estado, onde destacou a importância do simbolismo na obra literária, por este levar às últimas conseqüências o “pensamento simbólico primitivo”²⁸, e apontou o valor da interpretação psicanalítica para dar à crítica literária profundidade e valor científico²⁹. Naquele trabalho, Marcondes ressaltou que o estudo analítico do simbolismo estético teria o mesmo valor psicológico da

²⁸ MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 14.

²⁹ Op. cit., p. 33.

interpretação dos sonhos e que caberia à Psicanálise analisar a imagem estética e procurar o complexo inconsciente a que ela está ligada, desvendar as verdades latentes a que ela se prende na psique do artista.

Durval Marcondes não foi apenas médico, mas também escritor e poeta modernista comprometido com o projeto dos artistas e intelectuais paulistas, empenhados numa revolução estética e cultural. As relações de Durval Marcondes com o grupo de poetas e escritores do modernismo eram muito próximas, tendo inclusive publicado o poema “*Sinfonia em Branco e Preto*” no primeiro número da Revista *Klaxon* de agosto de 22 (1972), famosa revista literária modernista, ao lado de poetas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha e de Sérgio Buarque de Holanda.

Tal disposição nos leva a supor que a abertura de Durval Marcondes para a psicanálise foi facilitada por sua relação com a literatura em geral e, em especial, pela sua inserção na estética modernista, o que nos leva a hipótese desta ter sido uma grande incentivadora para o aprofundamento nos temas psicanalíticos e, por conseguinte, para seu contato com Franco da Rocha. De qualquer modo, seu interesse encontrava-se fortemente entrelaçado pelas letras e pela Psicanálise.

Mas Durval expandiu-se para além do campo da crítica literária, indo experimentar a Psicanálise em sua prática, “o que lhe valeu a alcunha de excêntrico e esquizóide” (MARCONDES *Apud*. MOKREJS, 1993, p. 51). Os resultados de sua clínica foram apresentados nas reuniões da *Associação Paulista de Medicina* e os casos publicados na *Revista da Associação Paulista de Medicina* (de 1932 a 1940), o que representou uma novidade para o campo de Psicanálise da época. Diversas vezes, ainda segundo Mokrejs, Durval teve sua palavra cassada nas reuniões para que não falasse de suas “tolices”.³⁰

É do entrelace entre os movimentos de resistência e a afirmação da psicanálise na cultura e na arte que, como foi visto, instituiu-se, em 1927, a primeira Sociedade Psicanalítica, em torno de escritores, artistas plásticos, jornalistas, escultores, médicos e professores, que buscavam, a partir de referências bastante distintas entre si, novos modos de reunião.

Sua inauguração aconteceu no Lyceu Nacional Rio Branco de São Paulo e era constituído pelo grupo paulista – criado em novembro de 1927 – e pelo grupo do Rio de

Janeiro – criado em junho de 1928. O centro paulista tinha Franco da Rocha como diretor e Durval Marcondes como secretário, enquanto que o do Rio tinha como presidente Juliano Moreira e como secretário Júlio Porto-Carrero. Assim, foi apenas em 1927, com pelo menos dez anos de Modernismo já em plena difusão nas letras e na cultura e sua íntima relação com a Psicanálise que se formou a primeira Sociedade de Psicanálise em São Paulo. O estabelecimento da sociedade de 1927 teve como objetivo primeiro compreender e explicar o psiquismo humano, bem como o de difundir a Psicanálise na cultura, sem que necessariamente estivesse envolvida a Psicanálise como uma prática terapêutica.

Havia um interessante intercâmbio entre os temas da Psicanálise e professores universitários, médicos e artistas, como o poeta Menotti Del Picchia, o jurista Cândido Motta Filho e o educador Lourenço Filho. A variedade de profissionais e perfis marcou um pensamento pluralista que torna bem plausível a suposição de que o projeto dessa sociedade incluísse um outro, ainda mais amplo, relacionado à questão central da época: o Brasil (re)descoberto pelo Modernismo.

Além dos membros na primeira reunião, a Sociedade Psicanalítica foi ponto de encontro de muitos intelectuais e *socialites*. A alta posição social dos que a freqüentavam auxiliou na continuidade do processo de implantação e difusão da Psicanálise. As palestras dessa sociedade eram consideradas como um verdadeiro acontecimento social, saindo em diversas revistas de moda e jornais e sendo freqüentadas por Olívia Guedes Penteadó (que foi quem criou o Salão de Artistas de Arte Moderna), Tarsila do Amaral (artista plástica e uma das mulheres de Oswald), Paulo José de Toledo (Academia Brasileira de Letras), Renato Jardim (educador), entre outros. Nascia, desse modo, uma inserção singular da Psicanálise no Brasil.

Entretanto, vale uma ressalva: do mesmo modo como os modernistas das artes, os primeiros psicanalistas da Sociedade eram sujeitos de sua época, expostos a um movimento inconstante de idas e vindas na busca pela ruptura com o passadismo. Se nem sempre apresentaram um trabalho de ruptura com o saber médico e com o pensamento mais tradicional há, todavia, uma radicalidade na busca de trazer a Psicanálise e difundi-la no âmbito social, bem como na sua aventura de auto-conhecimento. Sob este ângulo, poder-se-ia dizer que ambos traziam a postura crítica e de vanguarda.

³⁰ MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis:

De fato, neste primeiro momento de entrada na cultura, a Psicanálise, quer vindo pelas mãos de um Oswald, quer advinda das discussões da sociedade fundada por Durval Marcondes, vinha fornecer ao pensamento brasileiro um novo modo de explicar a categoria de sujeito que se aliou aos sistemas até então existentes de busca de respostas para as questões sobre a identidade brasileira, distanciadas dos muros das ciências reconhecidas.

Alguns dos membros da Sociedade Psicanalítica buscavam claramente uma ruptura com as maneiras tradicionais do pensamento médico: Osório César, por exemplo, implantou um trabalho importante de análise da expressão artística dos alienados do Juqueri. Escreveu *Contribuição ao Estado do Simbolismo Místico nos Alienados* (1927) e muitos artigos.

Em 1928, Durval fundou a primeira *Revista Brasileira de Psicanálise* (de apenas um número), onde nos oferece o testemunho de que, nessa época, muito se falava de Psicanálise no país, embora poucos houvessem que a estudassem e a utilizassem na prática, havendo contra ela uma grande resistência. Neste volume, Durval publicou, ainda, o artigo “Um Sonho de Exame – Considerações sobre *A Casa de Pensão*, de Aluísio de Azevedo”, onde analisou o sonho de Amâncio sobre o medo dos exames como relacionado à angústia infantil de castração advinda do complexo edípico.

Esse grupo de psicanalistas participa, portanto, de um movimento dinâmico contemporâneo ao Modernismo, sem deixar transparecer claramente que o modernismo pertence ao mesmo movimento de ruptura com a psiquiatria. Será que em algum momento essa ligação foi reconhecida? Ao contrário, a história da Psicanálise oficialmente contada parece apontar duas vias: ou a contribuição dos modernistas fica de fora ou, então – num máximo de concessão – apresenta-se à contribuição da Psicanálise para a literatura. Fica assim *seqüestrada*, improdutiva, essa terceira via: toda uma contribuição importante nos primórdios da história do movimento, cujo desaparecimento será passado em revista adiante.

Conclusão

Para concluirmos este trabalho, faz-se necessário citar a Exposição “*Freud: Conflito e Cultura*” que funcionou como importante elemento motivador da realização

deste trabalho. Nela vimos expostos alguns dos principais documentos e obras que atestam a vinculação Psicanálise e Modernismo que abordamos nesta monografia.

A exposição “*Freud: Conflito e Cultura*” foi realizada no ano de 2000, em cidades expoentes no Brasil como São Paulo e Rio de Janeiro e depois de ter percorrido alguns outros lugares do mundo. Aqui no Brasil, a exposição reuniu-se a uma outra mostra complementar: “*Brasil: Psicanálise e Modernismo*”. As duas atingiram o público com documentos, fotos e obras de arte, formando um grande panorama da obra do fundador da Psicanálise e sua influência no Brasil modernista.³¹

A primeira foi originalmente organizada pela Biblioteca do Congresso de Washington, sendo considerada a maior exposição já realizada sobre o fundador da psicanálise e seu legado à cultura ocidental. Reuniu objetos de uso pessoal de Freud, o famoso divã, sua coleção de antiguidades, fotos, manuscritos e vídeo-clips, que ressaltavam a enorme penetração do pensamento freudiano na cultura popular e erudita.

A realização dessa mostra internacional só foi possível graças a coleção Freud, núcleo da Biblioteca do Congresso Americano em Washington criado em 1942. Essa coleção é composta atualmente de mais de cinquenta mil manuscritos, livros, cartas, fotos, filmes, depoimentos, etc. Em 1993, a Biblioteca anunciou o projeto de uma grande exposição pública desse acervo. A esse anúncio seguiu-se um debate polêmico nos Estados Unidos, o que expressa a atualidade do impacto das idéias e das práticas iniciadas pela Psicanálise cem anos atrás. “*Freud: Conflito e Cultura*” foi uma realização com a colaboração do Museu Freud de Londres e do Museu Sigmund Freud de Viena.

A exposição foi organizada em três grandes blocos que acompanharam o percurso do pensamento freudiano. *Os Anos de Formação*, onde foram apresentados dados biográficos sobre a origem e o ambiente sócio-cultural de Sigmund Freud; *O Indivíduo: Terapia e Teoria*, onde se pôde ver a evolução dos principais conceitos formulados por Freud vinculados aos casos clínicos; e *Do Indivíduo à Sociedade*, que retratou a expansão da Psicanálise para o campo social e cultural. “*Freud: Conflito e Cultura*” foi inaugurada em outubro de 1998, em Washington, onde permaneceu até janeiro de 1999; esteve em Nova York, Viena, Los Angeles, São Paulo, Rio de Janeiro, dentre outras localidades.

³¹ www1.uol.com.br/folha/pensata/vaguinaldo_20001015.htm

A forte polêmica que cercou a exposição em Washington não encontrou ressonância no Brasil. Ao contrário, a exposição encontrou aqui uma grande recepção que se demonstra pelo contraponto apresentado na mostra paralela “*Brasil: Psicanálise e Modernismo*”. Essa exposição foi organizada em São Paulo por um grupo de psicanalistas e intelectuais. Tratou-se de um contraponto à exposição norte-americana, demonstrando as precoces relações existentes entre a Psicanálise e seu criador e a revolução estético-ideológica proposta pelo Modernismo. Com curadoria do crítico de arte e cineasta Olívio Tavares de Araújo e dos psicanalistas da Associação Brasileira de Psicanálise, Leopoldo Nosek e Maria Ângela Moretzsohn, a mostra aprofundou e inseriu a exposição no contexto brasileiro, remetendo-nos às vias de entrada da Psicanálise no país.

As relações entre a Psicanálise nascida com Freud e a proposta estético-ideológica da Semana de 22 foram estabelecidas a partir da pesquisa das professoras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP Gilda de Mello e Souza e Telê Porto Ancona Lopez e um grupo de psicanalistas coordenados por Maria Ângela Moretzsohn. A exposição foi basicamente de documentos e correlatos, possuindo também um segmento de artes visuais.

Foi a primeira vez em que se mostrou, de maneira tão completa, como a Psicanálise penetrou em São Paulo na década de 20, no bojo de intensas transformações sócio-econômicas, tais como a rápida urbanização, alterações na estrutura familiar patriarcal, transformações no papel da mulher na sociedade e uma intensa efervescência cultural que tem seu ápice na Semana de Arte Moderna de 1922.

Reconhecendo a riqueza do legado freudiano como instrumento de reflexão sobre a cultura, pretendeu-se na mostra realizar uma série de atividades paralelas, tendo como eixo principal a conexão da Psicanálise com a cultura, dentro do campo das inquietações do homem e da sociedade neste milênio. Para os simpósios, foram convidados psicanalistas brasileiros, latino-americanos, europeus e norte-americanos, além de profissionais e intelectuais de outras áreas do saber. Permitindo, assim, a consideração e o questionamento de diferentes idéias, comuns a diversas áreas do conhecimento humano.

Certamente a Psicanálise atuou sobre os artistas enquanto indivíduos e isso se traduziu em questões de linguagem e novos conteúdos formais. Foi surpreendente perceber que Freud e a Psicanálise penetraram na cultura brasileira antes mesmo da explosão do

Surrealismo na França. O Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade é um desses exemplos. Mas, talvez, quem mereça maior destaque seja Mário de Andrade. Leitor assíduo de Freud, que teve suas idéias e sua obra profundamente influenciadas pelo freudismo, sendo responsável pela primeira interpretação freudiana da cultura brasileira. As cartas que trocava com seus jovens orientandos era praticamente um divã, onde os ouvia e os orientava meio que ao modo de um psicanalista.

O quadro histórico de uma sociedade em acelerada mudança e modernização tornou possível, no Brasil, a chegada da Psicanálise como um dos efeitos do projeto iluminista e científico que sempre animou, desde a Primeira Guerra Mundial, as classes em ascensão econômica e política. Mesmo enfrentando barreiras conservadoras nos meios acadêmicos e psiquiátricos tradicionais, movidos, sobretudo, pelo positivismo da Primeira República, a Psicanálise acabou por integrar-se no projeto modernizador nacional.

O seu período de implantação correspondeu, justamente, ao momento de uma funda crise civilizadora nacional e internacional, no entreguerras. Foi, nesse sentido, um efeito dessa crise, mas, sobretudo, a resposta a uma demanda das classes ascendentes por um ingresso na modernidade. Ao contrário da Psicanálise na Europa, que antecedeu o século XX, a nossa, em que pese o atraso, correspondeu a uma transformação filosófica, estética e sociológica que jogava o país no patamar das nações modernas. Seu caráter de esclarecimento e de iluminismo indisfarçáveis está diretamente ligado à presença de Durval Marcondes e do movimento modernista, ao qual ele pertencia.

O fato é que a Psicanálise teve um desenvolvimento imbricado com a arte, desde um plano mais profundo, em que o vocabulário é essencialmente meio de suporte, de expressão de uma vivência emocional, tanto de uma pessoa, quanto de uma época; até o plano, mais manifesto, de simples transposições de uma área para outra, como recurso de exploração da própria área.

Assim, quando Dadaístas e Surrealistas, à luz da "descoberta" do inconsciente começam a decretar o primado das formas livres, da inconsciência se sobrepondo aos apelos da razão e do cotidiano, Durval Marcondes inicia sua descoberta de Freud. Marcondes se aproxima dos modernistas brasileiros e publica um poema na revista "Klaxon", em agosto de 1922 (quase seis meses depois da Semana de Arte Moderna). Seu

poema, "*Sinfonia em Branco e Preto*", veio impresso no mesmo número em que se edita "*Paulicéia Desvairada*", de Mário de Andrade.

Como citamos anteriormente, quando Durval Marcondes e Franco da Rocha fundam a Sociedade Brasileira de Psicanálise, em 1927, alguns homens das letras, como Menotti Del Picchia, estavam inscritos entre os 24 primeiros membros. E o movimento se alastra.

A Psicanálise começava a ocupar a atenção da sociedade brasileira e de seus intelectuais. É discutida por Oswald de Andrade em seus manifestos (para ele, a teoria de Freud é o último romance da burguesia), influencia decisivamente a obra do pintor Ismael Nery e, desde então, se incorpora ao imaginário dos principais escritores e artistas. Mário de Andrade lia atentamente a bibliografia psicanalítica. O psicanalista Theon Spanudis, que chegou ao Brasil na década de 50, abandonou a Sociedade de Brasileira Psicanálise para ir ao encontro da literatura. Acompanhando a Psicanálise e a vida de Franco da Rocha, o pintor Lasar Segall (1891-1957) vai ao Juqueri, em 1942, e faz desenhos de internos.

O certo é que desde cedo a Psicanálise deitou raízes por aqui. Como foi visto, a primeira referência a Freud foi feita em 1889 pelo médico baiano Juliano Moreira. O século XX foi impregnado pela obra de Freud. Noções como inconsciente, pulsão, recalque e complexo de Édipo entraram na vida de muitos, mesmo na de gente que jamais leu uma linha escrita por aquele médico judeu, culto e engenhoso. Freud tornou-se um clássico, digamos, como Nietzsche, Weber ou Marx, o que significa que se pode pensar contra ele, mas não se pode pensar sem ele.

Enfim, a Psicanálise se cola ao Modernismo para inventar o Brasil do século 20.

Bibliografia

ANDRADE, Mário de. *O Movimento Modernista*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

_____. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1980.

_____. *Poesias Completas*. São Paulo: Martins, 1980.

ANDRADE, Oswald de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. Coleção Vera Cruz. 2 v.

BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro; diários, cartas, entrevistas e confissões diversas*. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

BIRMAN, J. *Freud e a Experiência Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1989.

_____. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1983.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro I - Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CHEMAMA, Roland (org.). *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. *História da Psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. Contextual da Psicoterapia de Albert Sheflen. In: _____ (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed., 1980.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: _____ *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1990. XXI v.

_____. Cinco lições de psicanálise. In: _____. *Obras Psicológicas Completas*, Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1990. XXI v.

GHELFI, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: Estática e Ideologia na década de 20*. São Paulo: IEB, 1987.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MOKREJS, Elisabete. *A Psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade Modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

NEVES-MANTA, I. de L. *A Psicanálise da alma coletiva*. Rio de Janeiro: Flores e Mano, 1932.

SCHARZ, Roberto. *Que horas são – Ensaio*. São Paulo: Cia da Letras, 1987.

SAGAWA, Roberto Yutaka. *Redescobrir as Psicanálises*. São Paulo: Lemos, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia da das Letras, 1992.